que se referem á Companhia do Nyassa, para sciencia de futuros estudos que, por ignorancia dos acontecimentos aqui narrados, desconhecidos da maior parte dos numismatas actuaes, houvessem de attribuir á Casa da Moeda de Lisboa emissões de padrões valorizados para beneficiar companhias soberanas, e inutilmente se esforçassem por conhecer leis que se referissem ao assunto.

Lisboa, Dezembro de 1905.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Medalhas da guerra da successão de Hespanha, referentes a Portugal

Collecção organizada por José Lamas

Durante o desenrolar d'esta perniciosa guerra houve grande abundancia de episodios notaveis, a maior parte dos quaes ficaram commemorados por medalhas. Os medalhistas aguardavam com avides as noticias vindas dos campos de batalha, e, logo que tinham conhecimento de qualquer facto importante, tratavam immediatamente de o registar no metal.

As medalhas satyricas abundavam, e cada qual interpretava os acontecimentos ao sabor das suas paixões; pelas legendas se aprecia este facto.

Os partidarios de Filipe V collocavam em uma medalha a seguinte interrogação: *QUIS JUSTIUS INDUIT ARMA?* (Van-Loon, IV, 452), e os do partido contrario ridicularizavam a divisa de Luis XIV, o Sol. A coincidencia da tomada de Barcelona com um eclipse tambem não escapou aos gravadores.

Havia naquella epoca um medalhista muito notavel, Christiano Wermuth, nascido em Altemberg no anno de 1661, que tinha estudado o seu officio em Dresde, com Ernesto Gaspar Dürr, e que então occupava o logar de gravador na Casa da Moeda de Gotha. Com autorização imperial, montou em sua propria casa, em 1699, uma officina de medalhas onde teve muitos discipulos, que trabalhavam por conta d'elle.

Era d'este recanto que saíam em grande quantidade as medalhas allusivas á guerra da successão.

A officina esteve em actividade durante cêrca de vinte annos, produzindo mais de 1:300 medalhas, muitas d'ellas referentes áquelle assunto, ou com elle relacionadas.

Algumas das satyricas foram apprehendidas.

Wermuth publicou um catalogo das suas produções ¹.

Muitos outros gravadores se occupavam do mesmo assunto.

Todas as medalhas referentes á guerra da successão de Hespanha devem interessar a Portugal, por isso que esta nação tomou parte muito activa na campanha; mas a serie é interminavel e o colleccionador mais paciente desanima perante a impossibilidade de a completar. Querendo marcar um limite, resolvemos incluir na nossa collecção apenas aquellas que teem referencia directa a Portugal, mas apesar d'esta restricção, temos bem poucas, como vamos mostrar.

Fig. 1.^a—Medalha commemorativa da vinda do Archiduque (Carlos III), para Lisboa

Anv. Sobre o mar os navios das duas esquadras, inglesa e hollandesa, que conduziram o archiduque para Lisboa, com as velas enufadas e as bandeiras desfraldadas. Ao centro, um grande globo terrestre, que tem escrito HISP.—LVSIT., sobre o qual paira uma grande aguia, de asas abertas que tem no bico um ramo de oliveira e uma espada na garra esquerda. Com a outra garra sustenta a cornucopia da abundancia, que derrama flores sobre a parte do globo onde está eserito HISP.

No arco superior da orla tem a seguinte legenda: PARCERE · SVBIECTIS · ET · DEBELLARE SVPERBOS ·, e no exergo, que é separado por um friso, a data: CIOCCIII.

R. Em quatorze linhas a seguinte legenda:

FELICI · ADVENTVI
CAROLI · III ·
HISPANIARVM · REGIS
QVVM · PROFECTIONEM · MARITIMAM
E · BATAVIAE · ORIS · DEO · AVSPICE ·
ET · VENTIS · SECVNDIS · SVSCIPERET · IN
LVSITANIAM · VT · DEBITVM · SIBI
SOLIVM · HISPANIAE · FOEDERATORVM
ARMIS · AC · CONSILIIIS · ADIVTVS
VIRTUTE · DVCE · AC · VICTRICE
IVSTITIA · SIBI · VINDICARET
ATQVE · PROFLIGATO · HOSTE
BONIS · AVIBVS
CONSCENDERET

¹ Acêrca do que acabamos de dizer sobre C. Wermuth, vid. o livro *Medallie Illustrations, etc.*, de Franks and Grueber, II, 743.

Esta medalha, que não está assinada, é de prata e pesa 47,38 grammas. Tem de diametro 49 millímetros e de espessura 3. Está muito bem conservada e é rara.

Vem estampada e descrita na obra de Lopes Fernandes, onde tem o n.º 22, e no livro de Van-Loon, IV, 406, n.º 1 (edição francesa).

Fig. 2.ª—Outra medalha referente ao mesmo assunto

Anv. Cabeça laureada de Carlos III, com grande cabelleira, voltada á direita; por baixo, no exergo, a assinatura do gravador: I · BOSKAM · F. Em torno da orla a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: CAROLVS · III · HISPANIAR · INDIAR · REX · CATHOL ·

R. No alto mar as esquadras reunidas, cujos navios tem as bandeiras desfraldadas e as velas entufadas.

Por cima paira uma aguia, com as asas abertas, que segura no bico um ramo de oliveira, e nas garras feixes de raios.

No arco superior da orla a legenda: LIBERATOR · ET · ULTOR ·, e no exergo, que é separado por friso, em quatro linhas, tem escrito:

CAROL · III · HISPAN · REX
BRITAN · BATAV. Q · CLAS ·
IN LVSIT · PROFICISC ·
MDCCIII

Esta medalha é de prata. Tem de peso 36,98 grammas, de diametro 43,5 millímetros e de espessura 3. Está muito bem conservada e é rara.

É inedita na Historia Geneologica e na obra de Lopes Fernandes, mas vem estampada e descrita em Van-Loon, IV, 406, n.º 2, e sómente descrita no livro *Medallic Illustrations*, II, 251, n.º 42.

Foi seu autor, como a assinatura indica, Jan Boskam, artista natural de Nimwegen, que viveu nos fins do seculo XVII e principios do XVIII. Não se sabe quando morreu. Trabalhou para Guilherme III até 1703, e nesta data foi para Berlim e d'ahi, posteriormente, para Amsterdam¹.

*

Para commemorar o 25.º anniversario da paz de Utrecht cunhou-se na Hollanda a seguinte medalha:

¹ *Biographical Dictionary of Medallists*, por Forrer, s. v. Boskam. Vid. tambem *Medallic Illustrations*, II, 721 e 746.

Fig. 3.^a

Anv. Á esquerda o templo de Jano, com as portas fechadas, tendo sobre a cimalha as duas cabeças d'este deus ¹.

Sentada nos degraus do templo está a Belgica, personificada, descalça, com vestuário simples. Com a mão direita segura uma lança, enfeitada com uma palma e um ramo de oliveira, a qual tem em cima o barrete da «Liberdade». Com a outra mão ampara umas tabulas, que tem a seguinte inscripção: EU—AN—GE—LI—UM (Evangelium), as quaes estão apoiadas sobre as pernas. Com os pés calca uma espada e dois estandartes. Junto d'esta figura está deitado um leão, coroadado, que segura um feixe de sêtas, e um pouco mais afastado jaz, prostrado no chão, um guerreiro antigo (Marte?), que tem os pés ligados com grossa corrente de ferro, presa no chão.

Por cima d'estas figuras paira a Fama, tocando em duas trombetas adornadas com bandeiras, onde se lêem as seguintes inscripções: IUBI—LATE.—XXV.

Leg. V. LUSTR: FÆD: BELG: PACE STABII:

No exergo, tem mais: XI. APRIL.—MDCCXXXVIII, em duas linhas.

No friso que separa o exergo está a assinatura do gravador: N. V. SWINDEREN. F. Esta ultima letra está mais afastada, ficando por baixo do guerreiro.

Æ. Suspensos por laços de fitas, que dão muitas voltas, estão sete escudos de armas pertencentes ás nações que entraram na guerra da successão; entre elles está o de Portugal.

Collocada tambem sobre uma fita, em torno da orla, tem a legenda, que começa do lado direito, ORBIS CHRISTIAN: QUIETE INTER SE COMPOSITA.

Esta medalha é de prata. Pesa 62,51 grammas; tem de diametro 56 millimetros, e de espessura 2,5. Está muito bem conservada, e não é commum.

Foi feita por Nicolau Van Swinderen, gravador hollandês, que trabalhou em Haya, desde 1736 até 1760, aonde fez varias series de medalhas referentes á Casa de Orange, á qual era obrigado ².

¹ Vid. *Diccionario da Fabula*, s. v. Janus.

É costume figurar este deus com duas cabeças. O templo que lhe era dedicado, em Roma, tinha as portas abertas durante a guerra, e fechadas em tempo de paz.

² Vid. *Medallie Illustrations*, II, 741 e 747. N. S.

Esta medalha, que interessa a um grande numero de nações, vem descrita no livro *Medallie Illustrations*, II, 525, n.º 85, assim como na obra do Dr. Teixeira de Aragão, II, 68, nota 2.

Entrada publica do Conde da Ribeira em Paris, no anno de 1715

Celebrada a paz em Utrecht, entre Portugal e a França, enviou D. João V, por esse motivo, um embaixador extraordinario a Luis XIV. Para o desempenho de tão delicada missão foi escolhido o Conde da Ribeira Grande, D. Luis Manoel da Camara¹, fidalgo muito distincto que, durante a guerra que então terminára, havia dado provas de grande valor na defesa de Campo Maior.

Acompanhavam o Conde, fazendo parte da embaixada, um confessor, um estribeiro, dois secretarios, um dos quaes era o conhecido escritor Alexandre de Gusmão, oito gentis-homens, seis pagens, quatro moços de camara, dois suiços, cinco cocheiros, cinco postilhões, vinte e quatro homens de pé e muitos outros criados.

Logo que a embaixada chegou a Paris installou-se numa casa de campo, e o Conde da Ribeira mandou pedir a Luis XIV, por intermedio do Marquês de Torcy, que lhe fixasse o dia em que deveria fazer a sua entrada publica. Esta cerimonia obedecia a certas regras: os embaixadores partiam do convento de Picpus, e, depois de atravessarem a cidade, solememente, iam hospedar-se em um palacio, que para esse fim lhes era destinado, onde se conservavam até o dia em que obtinham audiencia de recepção.

Por vaidade dos nossos reis, gastavam-se quantias fabulosas para que as entradas publicas das embaixadas portuguezas fossem revestidas de grande apparato. É sabido que a que foi enviada por D. Manoel em 1514, ao Papa Leão X, deslumbrou o mundo inteiro, pela fórma como se apresentou em Roma; mas poucas foram revestidas de tanta magnificencia como as do tempo de D. João V, entre as quaes sobresaiu esta de que nos occupamos, que foi de extraordinaria ostentação.

Concedida audiencia de despedida ao embaixador da Persia, que então occupava o palacio, fixou-se o dia 18 de Agosto de 1715 para a realização da cerimonia.

Começaram logo os preparativos para a festa. O superior do convento de Picpus foi avisado para que tivesse as salas preparadas, deu-

¹ Vid. D. Antonio Caetano de Sousa, *Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, pp. 510-503.

se parte ao corpo diplomatico e aos grandes de França e activaram-se os trabalhos no arranjo dos coches de gala, que haviam de figurar no cortejo.

Depois de alguns dias chuvosos e tristes, que faziam prever mau exito á festa, chegou enfim o dia 18 de Agosto, em que o sol appareceu com o brilho sufficiente para que o esplendor d'ella não fosse offuscado.

Logo de manhã cedo partiram os coches para o convento; ás 11 horas seguiu o Conde o mesmo destino, sendo ali recebido solemnemente pelo superior e religiosos que o vieram esperar á porta.

Á 1 hora da tarde recebeu o nosso embaixador os cumprimentos dos gentis-homens dos principes e princessas que estavam em Paris, dos ministros estrangeiros e dos grandes de França, sendo as apresentações feitas por Mr. Merlin, secretario de Luis XIV.

Ás 3 horas, tendo concluido a recepção, chegaram no coche real, que vinha buscar o embaixador, o marechal de Tallard e Mr. de Saintôt, introductor, que apresentaram ao Conde da Ribeira os cumprimentos da parte do Rei.

Depois d'estas formalidades, organizou-se o majestoso cortejo.

Na frente ia o coche do introductor, puxado a seis cavallos, junto do qual marchavam, em duas alas, os vinte e quatro criados do Conde, todos de libré verde, com enfeites de ouro e prata.

Logo a seguir ia o estribeiro do Conde, luxuosamente vestido, que era acompanhado por seis pagens, todos a cavallo, com fatos de velludo amarello, bordados a prata, laços nos hombros, chapéus com plumas brancas e enfeites de prata, gravatas e punhos de finissima renda, sapatos, e meias de seda preta bordadas.

Apparecia depois o coche real, em que iam o embaixador, o marechal de Tallard e Mr. de Saintôt, o qual era ladeado pelos lacaios d'estes dois ultimos.

Trajava o Conde da Ribeira um magnifico vestuario, que foi notado pela extraordinaria riqueza. Os botões eram de diamantes, no chapéu levava um enorme brilhante e o habito de Christo era de pedras preciosas.

Uma longa fila de coches, conduzindo altos personagens da côrte, fechava o primeiro corpo do cortejo.

A sessenta passos de distancia, os dois criados suíços do Conde, muito bem vestidos e montados em soberbos cavallos, abriam o segundo corpo, em que iam os cinco coches de gala do nosso embaixador.

O primeiro era envidraçado e forrado de velludo verde escuro, com bordados de ouro, em relevo, que representavam figuras allegoricas

allusivas á paz de Utrecht. Em volta do tejadilho havia oito «dragões da Casa de Bragança», coroados por anjos. No alto, o remate do ferro formava uma grande rosa. Era puxado por oito magnificos cavallos negros, da Frisia.

O segundo coche, allusivo a Portugal, era enfeitado com bellas pinturas e bons ornatos; num dos quadros a figura da Lusitania sustentava um medalhão onde estava desenhada a «Magnificencia». Era conduzido por oito soberbos cavallos polacos, brancos com malhas negras.

O terceiro, que alludia ao commercio de Portugal no Oriente e que era puxado por oito cavallos alazões tostados, de raça dinamarquesa, era prateado e enfeitado com pinturas que representavam meninos a apanhar perolas, coral e ouro. No quadro grande do fundó, os «Genios» colhiam folhas de uma palmeira e com ellas coroavam os «Portugueses».

Era a primeira vez que em Paris apparecia um coche prateado, e por isso este causou sensação.

O quarto, igualmente rico, tinha a fôrma chamada de estufa. Era puxado por oito cavallos russos de raça allemã.

O quinto, tambem do feitio de estufa, era puxado por oito cavallos hollandeses, de grande elegancia e corpulencia.

Os postilhões e outros criados, que acompanhavam estes coches, trajavam ricos vestuarios.

No meio da admiração do povo seguiu vagarosamente o cortejo, gastando no trajecto, que era de uma legua, cinco horas.

Um dos factos mais importantes d'esta entrada publica, que muito concorreu para a tornar celebre, foi a ideia que teve o Conde da Ribeira de mandar atirar pelo seu estribeiro, durante todo o percurso, medalhas de ouro e prata, allusivas e commemorativas da paz de Utrecht.

Com a mira nas medalhas, muita gente, depois de assistir á passagem do cortejo num sitio, corria pelas ruas transversaes a fim de o ir surprehender noutro, o que obrigava a paragens repetidas, por causa da agglomeração do povo.

Nos dias seguintes as medalhas de prata vendiam-se pelo dobro do valor, e as de ouro, que naturalmente foram atiradas em menor quantidade, por preços elevadissimos.

Logo que o embaixador chegou ao palacio, recebeu os cumprimentos do Rei, dos Duques de Orleans e de outros Principes, por intermedio dos seus gentis-homens; a todos estes foram amavelmente offerecidas medalhas de ouro em abundancia.

Alguns dias se conservou o Conde no palacio esperando a audiencia de recepção. Para cada dia tinha um vestuario novo, de grande riqueza.

As gratificações que distribuiu foram todas em dobro do que era costume darem outros embaixadores; e ao *maître-d'hôtel*, ao escrivão da cozinha e ao guarda deu de presente caixas de ouro cheias de medalhas do mesmo metal.

Emfim, para se poder fazer ideia da despesa feita com esta embaixada, bastará lembrar que, alem das elevadas quantias de dinheiro que D. João V deveria ter dado, o Conde da Ribeira se viu na necessidade de contrahir dividas de valor superior a 400 contos de réis, das quaes algumas ainda tiveram de ser pagas pelos seus herdeiros¹.

Realizou-se esta solemnidade no fim do espectacular reinado de Luis XIV, e houve quem affirmasse que havia muitos annos se não vira em Paris festa tão bella².

Por esta occasião já Luis XIV estava doente, e, por fim, a sua morte impediu que se realizasse em Versailles a audiencia solemne de recepção do nosso embaixador.

A cerimonia da entrada publica foi registada pelo Duque de Saint-Simon, nas suas memorias³, como se segue: «Ce même jour (domingo, 18 de Agosto), le comte de Ribeira, ambassadeur extraordinaire de Portugal, dont la mère, qui étoit morte, étoit sœur du prince et du cardinal de Rohan, fit à Paris son entrée avec une magnificence extraordinaire, et jeta au peuple beaucoup de médailles d'argent et quelques-unes d'or».

Dada esta resumida noticia, tratemos agora das medalhas que, como dissemos, foram atiradas á multidão.

Começaremos por estudar a medalha que possuímos, cuja descripção é a seguinte:

Fig. 4.^a

Anv. Busto laureado de D. João V, á direita, com grande cabelleira. Sobre a armadura tem lançado um manto que se prende sobre o hombro direito com um broche.

¹ Tradição de familia.

² . . . avec tant de Magnificence qu'on n'en a point vu de si Splendide, que celle-la, depuis longtems¹. *Lettres historiques*, que adeante citamos.

³ *Mémoires complets et authentiques du Duc de Saint-Simon, etc.* Paris 1857, t. XII, p. 315 *in fine* e 316.

¹ Orthographia antiga.

Leg. JOANNES V · D · G · PORTUGALLÆ REX. No exergo a data, M · DCCXV ·

R. Num campo relvoso ha uma oliveira, que tem frutos, e sómente tres ramos compridos, que partem do tronco commum e, formando curvas, vão unir-se no alto, proximo das extremidades. Em cada um dos dois ramos lateraes está mettida uma coroa de sete bicos.

No arco superior da orla, a legenda: NECTIT ET FIRMAT. e no exergo, que é separado por um traço, em duas linhas, outra legenda: PAX—TRAIECTENSIS.

No bórdo tem serrilha simples, que se prolonga para um e outro lado da orla.

Esta medalha é de ouro. Pesa 10,92 grammas, tem de diametro 30 millimetros e de espessura apenas 1.

Está muito bem conservada e é muito rara, especialmente por ser d'este metal.

Temos outra de prata, soffrivelmente conservada, que pesa 7,68 grammas.

Vem estampada e descrita nas seguintes obras: *Hist. Gen.*, iv, T. G G., n.º 4, e p. 493; no livro de Van-Loon, t. v, p. 258, n.º 1; e no de Lopes Fernandes, n.º 24. Vem sómente descrita nos seguintes trabalhos: *Elogio funebre e historico de D. João V*, por Francisco Xavier da Silva, p. 230; Aragão, *Histoire du Travail*, n.º 1374; Leitão, *Numismatica*, n.º 17; nos dois folhetos que narram a entrada publica, a que adeante fazemos referencia; e nos jornaes que tambem adeante citamos: *Mercure historique et politique* e *Lettres historiques, etc.*, mas nestes, muito incompletamente. Os cunhos d'esta medalha tambem foram descritos pelo Sr. Mazerolle no *Bulletin de Numismatique*, II, 42.

Não ha duvida de que as medalhas foram mandadas fazer pelo Conde da Ribeira em Paris, e, segundo uma transcrição do *Journal de la Régence*, que vem publicada no referido *Bulletin de Numismatique*, II, 19, foram cunhados no *balancé do Louvre*.

Os cunhos estão hoje devidamente archivados na Casa da Moeda de Paris, onde tem o numero 2:129, e são propriedade do estabelecimento, como nos foi communicado em carta, datada de 15 Novembro de 1905, pelo Sr. Augusto Martin, illustre conservador do Museu Monetario de Paris¹, mas não podem servir, porque estão estragados.

¹ Cumpre-nos registrar aqui o nosso mais vivo reconhecimento para com este illustre funcionario, que tem sido para comnosco de extrema gentileza.

Os damnos que tem são porem susceptiveis de arranjo e, desde que isso se faça, os colleccionadores poderão obter reproducções d'ellas.

Quando o Dr. Teixeira de Aragão visitou aquelle estabelecimento em 1867, o director, por attenção, mandou reproduzir uma d'aquellas medalhas, que lhe offereceu¹.

Não sabemos quem foi o gravador que as fez.

Segundo o testemunho de Alexandre de Gusmão, no folheto que adeante vae citado, cunharam-se 10:000 de prata e mais de 200 de ouro. O peso das primeiras equivalia a tres tostões e o das segundas a perto de 65000 réis. O numero das de prata não condiz com o que vem indicado em Lopes Fernandes. Este, que se guiou pelo folheto de Barbosa Machado, diz que se cunharam apenas 1:000, mas Gusmão indica o numero de 10:000. É evidente que o folheto d'este ultimo escriptor merece mais credito, por isso que foi visto e approved pelo proprio Conde, e Gusmão foi secretario da embaixada. Alem d'isso o numero de 1:000 era bastante diminuto para atirar durante cinco horas, apesar das «poignées» serem lançadas de «tems en tems»².

Existe na collecção da Bibliotheca Nacional um exemplar d'estas medalhas, de latão, e ha outro igual na collecção da Academia Real das Sciencias.

Os autores que descrevem a solemnidade não se referem a medalhas d'este metal; como porém ellas existem, tudo leva a crer que, de mistura com as de ouro e prata, iam algumas de latão, ainda que esse facto prejudique muito a magnificencia da festa.

Segundo affirma o Sr. Mazerolle (*Bulletin de Numismatique*, II, 42), existe na Casa da Moeda de Paris um cunho do anverso das medalhas d'este typo, que não tem a data inscrita debaixo do busto do rei.

*

Alem das medalhas a que nos referimos ha outras, de typo differente, relacionadas com o mesmo assunto. Não possuímos nenhuma, mas vimos um exemplar, que existe na collecção da Bibliotheca Nacional, cuja descripção é como se segue:

¹ Aragão, *Descripção historica, etc.*, I, 93.

O mesmo numismata mandou nessa occasião «fazer 4 reproducções», como consta de uma nota por elle lançada no exemplar do livro de Lopes Fernandes, que lhe pertencia, o qual hoje está em poder do nosso amigo o Sr. D. Fernando de Almeida, como já tivemos occasião de dizer em outro artigo.

² *Mercure historique*. A orthographia é antiga.

Anv. Armas da casa «Ribeira Grande», collocadas a prumo sobre um friso ornamentado, amparadas, de um e outro lado, por dois criados, de libré. A legenda, que começa em baixo do lado esquerdo, é a seguinte: LVDOVICVS DA CAMARA COMES DA RIBEYRA. No exergo um pequeno florão.

℞. Collocada sobre um terreno relvoso está a parte de uma armadura antiga, que se destinava ao tronco do corpo. Pela abertura sae um ramo de oliveira e no arco superior da orla tem a legenda: VNDE MINVS RERIS. No exergo, que é separado por um traço, em duas linhas, outra legenda: PAX. LVS. HISP.—1715. Por baixo da data, um pequeno florão. Na orla, de um e outro lado, circulo serrilhado. Mede de diametro 29 millimetros. É de cobre, está mal conservada, e tem algumas letras da legenda apagadas. Pelo aspecto parece ser fundida ou falsa.

Esta variedade vem estampada na obra de Lopes Fernandes com o n.º 25. A p. 20 diz este autor que não viu o original, tendo feito a estampa guiado por uma das reproduções de Bouch¹.

Van-Loon igualmente a representa em estampa na sua *Histoire Métallique*, v, 258, n.º 2, e o Sr. Mazerolle, no *Bulletin de Numismatique*, II, 42, tambem descreve os cunhos d'ella. Um d'estes, o do rev., ainda está na Casa da Moeda de Paris. O outro perdeu-se. Esta variedade é rarissima.

As legendas e a data d'estas medalhas levam-nos á convicção de que estão relacionadas com a cerimonia da entrada publica do Conde da Ribeira, mas não se comprehende a razão por que os diversos escriptores, que a relatam tão minuciosamente, lhes não façam a menor referencia. Teriam sido feitas apenas para serem attentiosamente offercidas ao Conde?

Van-Loon, no lugar citado, apresenta em estampa ainda mais um terceiro typo de medalhas, que diz terem sido atiradas ao povo pelo «secretario»² do nosso embaixador, cuja descripção é a seguinte:

Anv. Busto laureado de Luis XIV, á direita, com grande cabelleira, vestido com armadura e manto. Leg.: LOUIS XIII · ROY DE FRAN · ET · DE NAVAR. ℞. Em onze linhas a legenda: 65—NÉ 1638—SUCCEDE 1643—DUELS ABOLIS 1662—EDIT DE NANTES—REUOQUE 1685.—PHILIPES DE FRANCE—ROY DES ESPAGNES.—V. DU NOM 1700.—PAIX GENERALE.—1715.

¹ Vide, a respeito de Bouch, a mesma obra, p. 2.

² Quem atirou as medalhas foi o estribeiro, segundo diz Alexandre de Gusmão.

Van-Loon afirma o seguinte, antes da apresentação das estampas: «Les trois Médailles qui suivent furent faites à l'occasion de cette Paix (de Utrecht), et jettées au peuple par le Secrétaire de l'Ambassadeur de Portugal, lorsque ce Ministre fit son Entrée à Paris, le 18 d'Août de cette année» (1715).

Como tivéssemos dúvidas acêrca d'esta medalha, não obstante a afirmação de Van-Loon, resolvemos consultar o douto numismata francês, M. Fernand Mazerolle, que, com inexcédível amabilidade, se prontificou a fornecer-nos importantes informações, que muito agradece-mos.

A presente medalha não tem nenhuma relação com a cerimonia da entrada publica do Conde da Ribeira, em Paris. Faz parte de uma interessante serie, denominada: «*Collection des Rois de France*», mandada fazer pelo antigo director da Casa da Moeda de Paris, M. Launay, e executada pelo gravador Thomás Bernard, como consta de *Le Journal de la Monnaie des Médailles*, que foi publicado pelo Sr. Mazerolle na *Gazette numismatique française*, anno de 1897, p. 329 e sqq.; 1898, p. 149 e sqq., 247 e sqq. e 355 e sqq.; 1899, p. 31 e sqq., 199, 249 e sqq. e 357. (Vid. a explicação que vem a seguir ao n.º 570 e todos os numeros seguintes até ao 635).

Vid. tambem o catalogo das medalhas da Casa da Moeda de Paris, intitulado: *Médailles françaises dont les coins sont conservés au musée monétaire*, ed. de 1892, p. 525 e sqq.

Ainda que não fossem feitas expressamente, nem mesmo podiam ter sido atiradas pela embaixada, na occasião da entrada publica, pois que esta se realizou em 18 de agosto, e as medalhas, como dos citados livros consta, foram apresentadas ao rei seis dias depois, em 24 de agosto, *dia de S. Bartholomeu*.

O n.º 65 que encima a legenda do reverso indica o logar que ella occupa na serie.

No *Bulletin de Numismatique*, II, 18 e 19, sob o titulo «*Jetons du Comte da Ribeira*», foi dada uma breve noticia acêrca da existencia das medalhas do primeiro typo que descrevemos. Essa noticia termina com a seguinte pergunta: «*Les jetons sont-ils connus, et ont-ils été publiés?*»

No mesmo *Bulletin*, II, 42, respondeu o Sr. Mazerolle, fazendo a descripção dos cunhos dos typos que existem na Casa da Moeda de Paris. Tanto a consulta como a resposta foram transcritas n-*O Arch. Port.*, II, 28, sob o titulo «*Medalhas do Conde da Ribeira Grande*», e accrescentadas com informações, dadas pelo Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos, director do Museu Ethnologico Português.

Obras citadas

(No texto já foram indicados mais livros, cujos titulos julgamos desnecessario repetir aqui)

Relaçam da entrada publica que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 o E. Sr. Dom Luiz da Camara Conde da Ribeyra Grande etc. Paris, 1715, por Alexandre de Gusmão, secretario do embaixador. Folheto de 23 pag., que foi approved pelo Conde, antes de ser publicado, como nelle se declara.

Não existe na Bibliotheca Nacional, mas conseguimos consultar um exemplar d'este trabalho, rarissimo, que amavelmente foi posto ao nosso dispor pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha, a quem somos muito reconhecidos, por este e varios outros favores que S. Ex.^a nos tem dispensado.

Noticia da entrada publica que fez na Corte de Paris em 18 de Agosto de 1715 o excellentissimo Senhor D. Luiz Manoel da Camara, etc. Lisboa, 1716. Folheto de 14 pag. Apareceu anonymo, mas é attribuido á Ignacio Barbosa Machado. Existe este na Bibliotheca Nacional, onde tambem estão mais as seguintes obras que consultámos:

Mercure Historique et Politique—contenant l'etat present de l'Europe, ce qui se passe dans toutes les Cours, etc. A la Haye. Tomo LIX, em que estão contidos os numeros referentes aos meses de Julho a Dezembro de 1715, pag. 321, iv-4, *in fine*. Traz apenas uma rapida noticia.

Lettres Historiques: Contenant ce qui se passe de plus important en Europe, Et les Reflexions necessaires sur ce sujet. Tomo XLVIII, que comprehende os meses de Julho a Dezembro de 1715. Impresso em Amsterdam, «chez Jaques (sic) Desbordes», pag. 295. Mês de Setembro—Carta iv—Affaires de France. Paris. Traz uma noticia com regular desenvolvimento, que parece ser um resumo do trabalho de Gusmão. Quem sabe se foi elle proprio quem forneceu elementos ao redactor do jornal?

Junqueira, Julho de 1906.

ARTHUR LAMAS.

Estudos sobre a epoca do bronze em Portugal

No estado actual da sciencia seria prematuro emprender qualquer estudo systematico sobre a epoca do bronze em Portugal. O melhor que tem de se fazer é publicar monographias ou notas sobre objectos avulsos, thesouros, estações archeologicas e espolios funerarios —, embora acompanhadas, quando a occasião o permittir, de considerações ethnographicas.

Inauguro hoje no *Archeologo* uma secção nesse sentido, á maneira do que já no mesmo jornal se fez com relação a outros assuntos. Referir-me-hei em especial á collecção de objectos de bronze (e cobre) exis-